

Jacques Maritain e seu apostolado da *melhor parte*. Variações sobre uma crítica de Maritain a Rousseau

Jacques Maritain and his Apostolate on behalf of the Best Part. Variations on Maritain's Criticism Against Rousseau

JOÃO VICENTE GANZAROLLI DE OLIVEIRA*

Resumo: Neste artigo, discorro sobre a crítica do filósofo francês Jacques Maritain ao ideólogo genebrino Jean-Jacques Rousseau. Pai da Revolução Francesa – e, por isso, avô da Revolução Russa –, o suposto “amante da natureza e da igualdade entre os seres humanos” é responsável por um sem-número de problemas (para dizer o mínimo) que até hoje assolam a cultura ocidental e a própria humanidade como um todo. Pouco ou nada ligando para as coisas deste mundo (que são as de Marta), Jacques Maritain, em *Trois Réformateurs*, preferiu a *melhor parte*, que é a de Maria. Maritain seguiu as pegadas de Aristóteles e de Santo Tomás de Aquino – protagonistas do verdadeiro amor pela sabedoria, aquela sabedoria que os filósofos de verdade chamam de *philosophia perennis*.

Palavras-chave: Jacques Maritain. Jean-Jacques Rousseau. Reforma. Educação. Brasil.

Abstract: In this article I comment Jacques Maritain's essay on the ideas of the Genevan thinker Jean-Jacques Rousseau. Father of the French Revolution – and therefore grandfather of the Russian Revolution –, Rousseau, supposed “lover of nature and equality” is responsible for a myriad of problems (to say the least) that up until now have plagued Western culture and humanity as a whole. Little or nothing caring about the things of this world (which belong to Marta), Jacques Maritain in *Trois Réformateurs* preferred the “best part”, the one that belongs to Maria. In this, Maritain followed in the footsteps of

* João Vicente Ganzarolli de Oliveira é Doutor em Letras e professor titular do Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O autor agradece ao amigo Rafael Frota pelas importantes sugestões. Contato: jganzarolli@usa.com

Aristotle and St. Thomas Aquinas, protagonists of the true love of wisdom – that wisdom that real philosophers call *philosophia perennis*.

Keywords: Jacques Maritain. Jean-Jacques Rousseau. Reformation. Education. Brazil.

Não precisamos de uma verdade que nos sirva; precisamos, isto sim, de uma verdade à qual possamos servir.

JACQUES MARITAIN

A medida para se amar a Deus é amá-Lo sem medida.

SÃO BERNARDO

1 Não poderia haver epígrafe mais adequada para “*Jean-Jacques Rousseau ou o santo da Natureza*”

“Se és o Filho de Deus, diz a estas pedras que se transformem em pão” (Mt 4,3), tentou o Demônio a Jesus, após quarenta dias e quarenta noites, durante os quais o Salvador se mantivera em jejum e oração no deserto, *intermezzo* espiritual que se sucede ao Seu Batismo e que precede o Seu Ministério. Tal é também a epígrafe escolhida pelo filósofo neotomista Jacques Maritain (1882-1973), como abertura para seu ensaio sobre o pensador iluminista Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), por sua vez parte integrante do livro *Trois Réformateurs* (“Três reformadores: Lutero, Descartes e Rousseau”), que li em tradução espanhola. “Reformadores” deve ser entendido aqui como “fundadores da Modernidade”, e “*Jean-Jacques Rousseau ou le saint de la nature*”, (“*Jean-Jacques Rousseau ou o santo da Natureza*”) é, como os outros dois ensaios componentes do livro, uma obra crítica. Publicado pela primeira vez em 1925 – época em que Jacques e sua inseparável esposa Raïssa já haviam, graças a Henri Bergson, superado o desespero intelectual provocado pelo *cientismo* (i.e., a idolatria da ciência como único e exclusivo meio de compreensão do real, lamentável “mania do científico” [AULETE & VALENTE, 1948, vol. I, p. 555]¹), bem como,

1. “Sabe-se pelos testemunhos dos ouvintes de Bergson, como Maritain e Péguy, quão benéfica era sua influência para livrar os espíritos dos preconceitos cientificistas e materialistas então reinantes” (URDÁNOZ, 1978, p. 17). “Quando, sem esperança de encontrar solução para o problema da existência, foram encaminhados por Péguy ao curso de filosofia de Henri Bergson, Jacques e Raïssa Maritain tiveram a impressão de que voltavam do reino dos mortos. Em seu livro de memórias, Raïssa atribuirá à ‘piedade de Deus’ esse encontro decisivo para a futura conversão de ambos” (LELOTTE, ANCELET-HUSTACHE et alii, 1966, p. 247).

sob a influência de Léon Bloy, abraçado o catolicismo romano – *Trois Réformateurs* pode ser visto como “obra da juventude”, se tomarmos em conjunto os mais de 60 livros que compõem o *corpus maritainensis*, no qual convivem harmoniosamente a metafísica, a estética, a teoria política, a filosofia da ciência, a pedagogia, a liturgia e a eclesiologia.² Nas palavras do próprio autor, escritas ainda na década de 1920, como nota explicativa para *Trois Réformateurs*,

Talvez se volte a dizer que eu pretendo “condenar em bloco” três séculos de história humana e “voltar à Idade Média”. Nada mais falso. Este livro volta-se para o futuro, para o imenso futuro que exige de nós uma visão clara e novas forças. O que em realidade representa um peso morto do passado é a herança espiritual de Lutero, de Descartes e de Jean-Jacques. Desses *cadáveres de ideias* [o grifo é meu] que ainda nos aprisionam é que precisamos nos libertar. Não pediremos ao passado mais do que aquilo que passa; não formas efêmeras, mas sim sabedoria duradoura e armas espirituais. Em uma palavra: hoje não se pode tomar impulso a não ser que recuemos muito no tempo; *mas este é um recuo que tem o único propósito de fazer-nos saltar com mais desenvoltura* [o grifo é do autor] (MARITAIN, 1982-1999, vol. XVI, p. 325).

Sendo o Diabo o “pai da mentira” (Jo 8,44), Jacques Maritain não poderia ter escolhido epígrafe melhor para o seu ensaio sobre Rousseau, personagem histórico que “mentia mais que um cabo eleitoral, (...) jurava que em toda a Europa não havia ninguém melhor do que ele – e, quando falava de suas altas qualidades morais, derramava lágrimas de comoção” (CARVALHO, 2013, p. 280).

2 Maritain x Rousseau

“Autodidata, espírito imaginativo e sentimental” (FRAILE, 1966, p. 933), Rousseau era, a princípio, um amante da paz, da Natureza e da vida ao ar livre. Com o passar do tempo, doenças e perseguições (?) fizeram-no retraído e

2. Na edição de 1994 (que é a que consultei), do *Nouveau dictionnaire des oeuvres de tous les temps et de tous les pays*, o dicionário de obras escritas mais completo que existe, são referidos apenas cinco livros de Jacques Maritain: *Art et Scolastique* (1920), *Distinguer pour unir ou Les degrés du savoir* (1932), *Frontières de la poésie* (1926), *L'Homme et l'État* (1951) e *Humanisme integral* (1936). Sobre a importância de Jacques Maritain na filosofia da arte e na estética neotomistas, cf. PLAZAOLA, 1970, p. 254-257.

amargurado, chegando a crer que o mundo inteiro conspirava contra ele.³ Em sua terceira e última fase, por assim dizer, Rousseau “recupera a paz e a tranquilidade de espírito, perdendo seus inimigos e refugiando-se na solidão” (FRAILE, 1966, p. 933). Um denominador comum, em toda a sua vida, parece ter sido o amor aos sonhos, a ponto de dar-lhes supremacia *vis-à-vis* a realidade. Segundo o autor de *La Nouvelle Héloïse* um dos principais best-sellers de todo o “Século das Luzes” –, “o país das quimeras é o único digno de ser habitado” (ROUSSEAU, 1960, VI, 8). De devaneio em devaneio, de utopia em utopia, de delírio em delírio, Rousseau direciona sua vida e sua obra para a resignação cômoda daquele que “aceita a si mesmo e suas piores contradições da mesma forma como o fiel aceita a vontade de Deus” (MARITAIN, 2006, p. 85). É Jacques Maritain ainda a constatar, nessa estratégia, uma “hipocrisia cândida que, refugiada sob a sinceridade rousseauiana, é pelo menos tão profunda e vivaz quanto a dissimulada hipocrisia dos fariseus” (MARITAIN, 2006, p. 85). Efetivamente, o *modus vivendi* de Rousseau, não é outro não senão o de “ser ao mesmo tempo o sim e o não, deixando vegetar, ao sabor de seus caprichos, os fragmentos desconjuntados de sua alma. Tal é a *sinceridade* [o grifo é de Maritain] de Rousseau e de seus amigos” (MARITAIN, 2006, p. 85). Nem por isso, é mister que se diga, a obra do ideólogo genebrino deve ser repudiada em bloco; é frutífera a polêmica musical entre Rousseau e o compositor e teórico Jean-Philippe Rameau (1683-1764).⁴

Outra nota característica em Rousseau – que não deixa de ser corolário de seu postulado “sonhar é melhor que viver” – é a obsessão por fazer da própria vida uma sequência interminável de satisfações pessoais; autêntico Brás Cubas às

3. Serão reais ou fictícias as perseguições de que Rousseau tanto se queixa? É impossível saber ao certo, sendo o queixoso tão pouco afeito à verdade (cf. MARITAIN, 2006, p. 90 et passim).

4. “É do Barroco em diante que se passa a investir de forma metódica no aproveitamento das potencialidades representativas do som musical. Prepara-se o terreno para a célebre controvérsia entre Rameau (1683-1764) – defensor do primado da harmonia sobre a melodia e da independência da música em relação ao texto – e Rousseau (1712-1778), que tenta resgatar o antigo senso métrico dos gregos, mediante o qual a poesia ditava o ritmo da música. Para Rameau, a música é construída a partir da sua constituição harmônica, sem nenhum vínculo com a linguagem falada. Rousseau, por sua vez, destaca a relação estreita da fala com a melodia, segundo ele, sede do princípio vital da música; no seu entender, só a melodia é capaz de representar com sons as imagens presentes no discurso. É uma opinião refutável quando se pensa em certas obras de Debussy (e. g., *Feuilles mortes*, *Jeux des vagues*, *La cathédral engloutie*), em que cabe, sobretudo à harmonia, a representação musical de imagens visuais. Costuma ser arbitrária a interpretação de uma peça com base em elementos de caráter extramusical. Lembremo-nos dos excessos de Romain Rolland em seus comentários acerca da *Sinfonia Heroica*, de Beethoven, em que dizia ouvir o choque das espadas, os gritos de guerra, o lamento dos vencidos etc.” (GANZAROLLI DE OLIVEIRA, 2018, p. 150).

avessas (o célebre personagem machadiano, para quem a existência terrena nada mais foi do que um somatório de páginas em branco, “vida inútil, toda ela feita de negativas” [DE CARVALHO, 2010, p. 156]), Rousseau parece autopredestinar-se a vencer sempre. Julgava-se um santo – ou quase isso, ou talvez mais do que isso (como saber ao certo?) –, “sua santidade consistindo em amar-se sem comparar-se” (MARITAIN, 2006, p. 92). Egocêntrico ao extremo, havendo escolhido viver de sonhos e delírios em detrimento da realidade e da sensatez, Rousseau estruturava sua vida moral como o trapezista que apresenta seu próprio espetáculo circense; importava-lhe sobretudo a performance, ainda que o auditório estivesse repleto apenas dele mesmo, Rousseau, como único e exclusivo espectador de si mesmo.

Platônico ao contrário, Rousseau idolatra o mundo das aparências e despreza a realidade essencial; o *ser* não lhe interessa, pois o mero *parecer* supre todas as suas necessidades. Muito rousseauiana, diga-se de passagem, são (ou tornaram-se, o que vem a dar no mesmo) os *modi pensandi et operandi* de uma parcela significativa (possivelmente até majoritária) da população brasileira. Tome-se como exemplo o carnaval, “coisa nossa” por excelência. Não faz nem um século, o filósofo e conde Hermann von Keyserling (1880-1946), alemão de origem báltica, veio ao Brasil, onde conviveu com a nossa “*intelligentsia*”, o maritaniano Gustavo Corção – gigante da cultura brasileira, hoje reduzido a “desmancha-prazeres” e “conservador direitista” – chamava-a de *burritsia*, mas deixemos isso pra lá). Mário de Andrade chegou a ver nas ideias de Hermann von Keyserling sobre o primitivismo e a decadência da cultura ocidental a “chave para a interpretação do seu “Macunaima” (o “homem-preguiça”), nosso anti-herói por excelência, paradigma do *homo brasiliensis* e sua proverbial “recusa de ser” (título da obra de outro grande pensador brasileiro condenado ao esquecimento: Alfredo Lage).⁵ Sobre von Keyserling e o binômio *homo brasiliensis*/carnaval, Olavo de Carvalho assim se pronuncia:

Um visitante ilustre, o conde Hermann von Keyserling, assinalou que, a imitação sendo um fenômeno universalmente conhecido, o modo de praticá-la no Brasil era peculiar: enquanto em outros países as pessoas imitavam alguém porque tinham a esperança de tornar-se iguais a ela de algum modo, os brasileiros se contentavam com a imitação enquanto tal, visando apenas ao sucesso

5. É impossível não pensar em Oswald Spengler e sua obra máxima, *A decadência do Ocidente*, editada pela primeira vez em 1918 e cuja originalidade profética se manifesta já na primeira página: “Neste livro, ousa-se, pela primeira vez, dar à história um caráter de previsibilidade” (“*In diesem Buch, wird zum ersten Mal der Versuch gewagt, Geschichte vorazubestimmen*”) (SPENGLER, 1931, t. I, p. 1).

da *performance* e não à aquisição das qualidades pessoais imitadas. Este hábito denota um fundo depressivo de renição existencial: *o povo que desistiu de ser contenta-se com parecer* [os grifos são meus] (CARVALHO, 2005).

Como não ver em Rousseau um herdeiro de “todos os desequilíbrios introduzidos no mundo a partir da Reforma” (MARITAIN, 2006, p. 87)? Eis por que Maritain considera-o, juntamente com Lutero e Descartes, mais um *reformador*. Verdade seja dita:

Jean-Jacques deve muito pouco, ao menos diretamente, a Calvino e à Teologia calvinista. Deve mais a Genebra e ao civismo genebrino, e mais ainda ao clima do lago Léman, a essa singular mescla de simplicidade naturalista, de sensualidade e de quietismo, de sensibilidade apaixonada e de inércia, que parecem caracterizar o comportamento moral daquela região (sob esse ponto de vista, Rousseau é profundamente românico, embora sua ascendência seja originariamente francesa).⁶ O que deve a Calvino é a pretensão de virtude, o moralismo, sua afetação de rigidez racional, tão cruelmente desmentida por sua verdadeira natureza, e em especial sua atitude de perpétua *protesta*, sua mania nativa de censurar os costumes alheios. Rousseau deve a Calvino, ademais, a *privação* dos meios da graça e da verdade que, sem a heresia calvinista, teria sido possível manter em melhor equilíbrio com o seu patrimônio hereditário (MARITAIN, 2006, p. 117).

Rousseau – é ainda Maritain a observar – foi um homem “enfermo, afetado por neurose e profundamente frágil” (MARITAIN, 2006, p. 87). Sua vida foi limitada por “opressivos contrastes hereditários”; Rousseau tinha “maravilhosos dotes de artista” e uma “inteligência viva e aguda”; padecia, contudo, de “uma impotência extraordinária para as funções com as quais o homem domina racionalmente a realidade” (MARITAIN, 2006, p. 87). Mais: “na ordem especulativa, todo esforço de construção lógica e coerente era um suplício para ele”; na ordem prática, por sua vez, era “nula a sua vontade como faculdade racional” (MARITAIN, 2006, p. 87).

6. É notável que exista uma geografia da religiosidade, na qual o clima desempenha papel fundamental: “Uma olhada no mapa das religiões do Ocidente e da Terra em geral nos revela como as formações confessionais depois de séculos de confusões e de lutas firmaram-se relativamente e delimitaram-se geograficamente contra toda expectativa. Isso não deve induzir à falsa afirmação de que o clima *faz a fé*; mas passando pelas condições climáticas do espaço vital dos povos e das nações, ele tem verdadeiramente uma coparticipação essencial na delimitação e na agregação das realidades fenomênicas da fé religiosa” (HELLPACH, 1967, p. 176).

Na antropologia rousseuniana, o homem reduz-se a *homo somnians*, um ser sonhador cujos sonhos – a bem dizer delírios – degeneram, na prática, em pesadelos.⁷ Rousseau não conseguiu compreender (ou recusou-se a fazê-lo) uma verdade elementar: sendo os homens desiguais em aptidões e interesses, todo e qualquer projeto de “igualdade social” aniquilará a liberdade e degenerará em tirania. Da França revolucionária do século XVIII à U.R.S.S., da República Popular da China à Cuba castrista, não há uma só exceção para a regra: a “igualdade” social traduziu-se por tirania de uma elite sobre uma multidão de prisioneiros “iguais”, cujo sangue sempre esteve disponível para regar fartamente as terras do “paraíso” socialista nascido dos delírios de Jean-Jacques Rousseau (cf. DURANT, Will & Ariel, 1957, t. XI, p. 149).⁸ Rousseau também se liga à correção política (ou “praga PC”, como prefere o filósofo brasileiro Luiz Felipe Pondé), que o saudoso ator Charlton Heston chamava de “tirania como boas maneiras”. Veja-se que

Apesar de hoje já sabermos que pobre pode ser tão ruim quanto rico, e que índios estão muito longe de ser sábios cultivadores de virtudes morais e naturais, a praga PC ainda insiste em dizer que a farsa de Rousseau, o tipo de pessoa que ama a humanidade, mas detesta seu semelhante, é verdade. *O fato é que todo mundo gosta de ouvir que é bom e que os outros é que o fazem ser mau e infeliz [os grifos são meus]* (PONDÉ, 2012, p. 138).

Na educação, o legado de Rousseau não é menos falacioso. O que se pode esperar de um “educador” que se recusou a educar os quatro filhos que teve? Ora, “Rousseau, o amante da humanidade, fora incapaz de amar o seu ‘pequeno pelotão’. Abandonar os filhos na roda não é cartão de visita para o patriarca do sentimentalismo” (COUTINHO, 2012, p. 26).⁹ Dissimulado sob a máscara da “bondade natural e da sociedade igualitária”, Rousseau discrimina a pessoa

7. As classificações do ser humano são muitas, e os especialistas estão longe de chegar a um acordo definitivo sobre qual delas seria a predominante: *animal rationale* (Aristóteles), *homo faber* (Max Frisch), *homo ludens* (Johan Huizinga), *homo patiens* (Viktor Frankl) etc. (cf. WINKLER & SCHWEIKHARDT, 1982, p. 14-15). Sendo assim, nada obsta a que o *homo somnians* de Rousseau seja acrescentado à lista.

8. Tão óbvia é a relação de causa e efeito entre o *corpus rousseaniensis* e a Revolução Francesa que os historiadores Will & Ariel Durant – que nada tinham de “conservadores” e tampouco simpatizavam com o catolicismo – não hesitaram em explicitá-la no título de um dos volumes da sua monumental *História da civilização* (cf. DURANT, 1967).

9. Sobre a influência do sentimentalismo de Rousseau na arte europeia do seu tempo, cf. VOGEL, 2009, p. 68 et passim.

deficiente em seu *Emílio*, até hoje referência obrigatória (!) nos cursos universitários de pedagogia, em nosso país:

Eu não me encarregaria de uma criança doentia e caquética, ainda que devesse viver oitenta anos. Não quero saber de um aluno sempre inútil a si mesmo e aos outros, que só se ocupe com se conservar e cujo corpo prejudique a educação da alma. Que faria prodigalizando em vão meus cuidados senão dobrar o prejuízo da sociedade, arrancando-lhe dois homens em vez de um só? Que outro em meu lugar se encarregue desse enfermo, concordo e aprovo sua caridade; mas meu ofício não é este: não sei ensinar a viver a quem pensa apenas em não morrer (ROUSSEAU, 1979, p. 31; ver também GANZAROLLI DE OLIVEIRA, 2002, p. 69-80).¹⁰

Prenunciando Pestalozzi, Rousseau teve o mérito de “ver a criança como criança” e não como adulto em miniatura, como era costume ver até então (cf. FIEDER et alii, 1997, v. 4, p. 312). É uma contribuição que adquire o aspecto de gota no oceano, quando temos em conta os milhões de casos de orfandade provocados pela aplicação prática dos ideais libertários de Rousseau (cf. JUDT, 2009, p. 16-58). Seja como for, incomparavelmente mais louvável que seu modelo educacional (inclusive no que tange especificamente às crianças) é o do checo Iohannes Amos Comenius (1592-1670), para citar apenas um entre muitos (cf. RODRIGUES, 2016).

Antagonista de Parmênides e de todos os outros filósofos que tinham a cabeça no lugar, Rousseau prefere o não-ser ao ser: “só é belo aquilo que não existe”, costumava repetir o pensador genebrino (apud MARITAIN, 2006, p. 105). Trata-se, frisa Maritain, de uma “fórmula metafisicamente odiosa” (MARITAIN, 2006, p. 105). Veja-se que

Em 1756, em Estrasburgo, certo senhor Angar procurou Rousseau para dizer-lhe:

– O senhor está falando com um homem que educa seu filho segundo os princípios que teve a felicidade de encontrar no seu *Emílio*.

– Lamento pelo senhor e por seu filho também!

10. Não surpreende que, no *orbis igualitarius* de Rousseau, as pessoas deficientes sejam consideradas “menos iguais” que as outras. Exceção feita à Iugoslávia de Tito, a situação da pessoa deficiente no mundo comunista sempre foi trágica, para dizer o mínimo. Na Coreia do Norte – parceiro ideológico por excelência do Brasil durante mais de uma década –, os anões são mantidos prisioneiros em campos de concentração. Falei sobre isto num artigo recente (cf. GANZAROLLI DE OLIVEIRA, 2017, p. 41-47).

Ora essa! Melhor do que nós, Rousseau sabia – e expressamente quis – que toda a sua ideologia não fosse mais que um arдил novelesco, um sonho para passar o tempo (MARITAIN, 2006, p. 105).

No “melhor dos mundos possíveis”, segundo Rousseau, que é o seu “paraíso” particular, “até mesmo Deus será eclipsado para dar lugar a Jean-Jacques” (MARITAIN, 2006, p. 127). É um “paraíso” regido pelo próprio pensador genebrino, palco em que ele “sentir-se-á livre, bom e feliz como Deus” (MARITAIN, 2006, p. 127). É Jean-Jacques Rousseau a afirmar, numa de suas *Cartas da Montanha*: “Aspiro pelo momento em que, livre das travas do corpo, serei eu mesmo, sem contradição, sem restrição e não terei necessidade de nada a não ser de mim mesmo para ser feliz” (ROUSSEAU, 2012). Chega-se assim, como bem percebeu Jacques Maritain em sua crítica às ideias do pensador de Genebra, “ao centro da loucura de Jean-Jacques, ao centro do ‘paraíso’ da imanência” (MARITAIN, 2006, p. 127).

Maritain, apóstolo da *melhor parte*

É de Vieira esta gradação triádica: “Para um homem se ver a si mesmo são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz” (PADRE ANTÔNIO VIEIRA, 1954, vol. XI, p. 212). De Rousseau, pode-se dizer que possuía apenas as duas primeiras, pois em lugar da luz preferiu as trevas. Seu temperamento é o de um “reformador da religião” (MARITAIN, 2006, p. 118). Mas não se trata de uma reforma no sentido positivo, i.e., “mudança ou modificação para o bem, o melhoramento”, (AULETE & VALENTE, v. II, p. 919-920), tal como se vê, por exemplo, nesta passagem do Frei Francisco de Montalverne (1784-1858), que não deixa de contar entre os precursores do Romantismo no Brasil: “Não tendo a consolação de ver abraçar a penitência e a *reforma* dos costumes aqueles a quem o Senhor me encarregou de distribuir o pão da vida eterna” (apud AULETE & VALENTE, v. II, p. 919-920). A “reforma” de Rousseau tampouco se adéqua propriamente ao sentido de “restabelecimento da disciplina primitiva numa ordem religiosa” (AULETE & VALENTE, v. II, p. 920), processo já em curso na Igreja Católica desde a Baixa Idade Média. Com efeito, *Reforma* é

termo teológico, cunhado na Baixa Idade Média, para indicar a correção de abusos na Igreja. *Reformatio in capite et in membris* (reforma na cabeça e nos membros) é a fórmula clássica empregada pelos autores e os Concílios daquele

tempo, para proporem o remédio contra os males da Igreja. Também nesse sentido, falou-se repetidamente de reforma das ordens religiosas. No século XVI, os grandes líderes (Lutero, Zuínglio, Calvino) dos movimentos religiosos de rebeldia contra Roma não pretenderam, inicialmente, formar uma Igreja separada, mas apenas reformar a existente. Por isso foram chamados de “reformadores” e a sua ação, de “Reforma”. Ainda mais, Lutero concebia a reforma como uma propriedade intrínseca da Igreja (*Ecclesia semper reformanda*). Consequentemente, os príncipes alemães que o seguiram reivindicaram para si o *ius reformandi* ou direito de reforma. Quando, porém, se consumou a separação entre católicos e protestantes, o nome de Reforma veio a adquirir um aspecto nitidamente confessional, tornando-se quase sinônimo de protestantismo. Neste sentido, a Reforma é a ação empreendida, na primeira metade do século XVI, em numerosas regiões da Europa setentrional e central, com a intenção primordial de purificar a Igreja daquelas coisas que se consideravam abusos e corrupções do seu ser, mas que acabou por produzir a formação de confissões diversas (SCHLESINGER & PORTO, 1995, v. II, p. 2.177-2.178).

Na prática, a “reforma” de Rousseau – o mesmo valendo para a de Lutero, Calvino e demais paladinos da Reforma Protestante – nada trouxe de positivo à Cristandade; trouxe, isto sim, deformação, pois atuou no sentido de *deformar*, o que implica introduzir “vício, defeito ou irregularidade de conformação” (AULETE & VALENTE, v. I, p. 757). Rousseau, o que fez foi “manipular, corrompendo-os, o Evangelho e o cristianismo” (MARITAIN, 2006, p. 118). A igreja progressista – contra a qual Maritain se bateu valentemente e que Dietrich von Hildebrand chama com propriedade de “cavalo de Troia na Cidade de Deus” (VON HILDEBRAND, 1971, p. 100 et passim) – não deixa de brotar da mesma fonte viciada: uma pseudo-reforma, que degenerou em deformidade.

As ideias “igualitárias” de Rousseau geraram a Revolução Francesa, com seu saldo mínimo de 40.000 execuções de “não-revolucionários”, por sua vez *cellula mater* do comunismo, ideologia responsável pela morte de mais de cem milhões de “inimigos do povo”.¹¹ Cabe recordar que

11. Digno de nota, e apenas de nota, é o artigo recente, da autoria do “Grupo de Estudos Rousseau da USP”, destinado a “provar” que a obra de Rousseau teria sido vítima de censura no Brasil. Rousseauiano, como não poderia deixar de ser, o texto nada mais é do que um aglomerado de falácias e distorções históricas. Contrariamente ao que alegam seus autores, discriminados são, isto sim, aqueles que não querem seguir os ditames ideológicos do pai da Revolução Francesa e avô da Revolução Bolchevista, cujo saldo de mortos, apenas no século XX, ultrapassa a cifra dos 100 milhões (cf. COURTOIS et alii, 1997, p. 4 et passim; e DELA BANDERA, Mauro et alii, 2019, p. 14-19).

Nos tempos da Revolução Francesa e da glorificação dos “direitos do homem”, houve um só homem, no vozerio do mundo, que teve a coragem de reclamar este direito: o direito ao constrangimento. Chamou-se Edmund Burke, o brioso Pimpinela Escarlate que não salvou duquesas e condessas condenadas à guilhotina, mas salvou o brio do homem naqueles sombrios anos em que a mais bela das nações, num acesso de baixa loucura, gritava: igualdade, liberdade e fraternidade (CORÇÃO, 1977).

Não custa lembrar tampouco que a Segunda Guerra Mundial foi um conflito de índole comunista, portanto rousseauiano, que provocou a morte de não menos que 70 milhões de pessoas¹² – o equivalente a 3% da população mundial em 1940, época em que Hitler e Stalin ainda eram aliados em seu sonho mútuo (ambos eram literalmente *homines somniantes*, à maneira de Rousseau) de dominar o mundo. Finda a Segunda Guerra Mundial, autêntico divisor de águas na própria história da humanidade como um todo, Jacques Maritain teve participação importante na redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, e acabou por figurar entre os principais pensadores tomistas do século XX (cf. BARROS, 1966, p. 114). Não obstante isso, ou talvez por causa disso, Jacques Maritain é, propositalmente, esquecido e vilipendiado em “boa” parte do *orbis academicus*. No Brasil, é raríssimo que seu nome seja referido nos cursos de graduação e pós-graduação em filosofia.

Pouco ou nada ligando para as coisas deste mundo (que são as de Marta), Jacques Maritain, em *Trois Réformateurs*, preferiu a melhor parte, que é a de Maria (cf. Lc 10,38-42). “Cada coisa é o que é” (apud BARROS, 1966, p. 125), chegou a ensinar Maritain, seguindo as pegadas de Aristóteles e de Santo Tomás de Aquino – por sua vez protagonistas do verdadeiro amor pela sabedoria, aquela sabedoria que os filósofos de verdade chamam de *philosophia perennis* (que é a de Maritain), em oposição às filosofias da hora (que são as de Rousseau, de seus precursores e de seus seguidores). Falaciosas e por isso mesmo traiçoeiras, as filosofias da hora sempre foram, são e serão (umas mais outras menos, claro está) contrárias à vida e à felicidade que todos almejamos; somente a *philosophia perennis* nos permite “a reconstrução do mundo

12. Segundo o especialista Robert Kaplan, a única diferença entre o fascismo e o comunismo é que, nos países fascistas, os trens saíam e chegavam na hora certa: “*communism is fascism, without fascism’s ability to make the trains run on time*” (KAPLAN, 2005, p. 76; ver também JUDT, 2009, p. 29-58 et passim).

sobre bases sólidas” (SILVA, 1990, p. 217), ensinava o hispano-brasileiro Dom Emilio Silva, também ele um pensador esquecido, também ele um filósofo de verdade, também ele um apóstolo da *melhor parte*.

Ainda quanto a Jacques Maritain, que tão sabiamente apontara os desvarios de Rousseau, é lamentável que, em obras posteriores a *Trois Réformateurs*, ele tenha mudado de rumo – e que, ao menos parcialmente, se tenha mostrado simpaticamente das mesmas ideias do pensador genebrino antes rejeitadas. Mas isso já é assunto para outro artigo, de preferência escrito por um articulista que conheça melhor do que eu os escritos de Jacques Maritain; e *piú non dico*.

Referências

AULETE, Francisco Júlio de Caldas & VALENTE, António Lopes dos Santos. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 3. ed., Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1948.

BARROS, Manuel Correia de. *Filosofia tomista*, Porto: Figueirinhas, 1966.

BOMPIANI, Robert & LAFFONT, Jacques. *Le nouveau dictionnaire des oeuvres de tous les temps et de tous les pays*. Paris: Robert Laffont, 1994.

CÁCERES, André. “A influência de Jacques Maritain para a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Evento celebra a contribuição do filósofo para o documento, que completa 70 anos”, *O Estado de São Paulo*, 14 de abril de 2018. Disponível em: <https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,a-influencia-de-jacques-maritain-para-a-declaracao-universal-dos-direitos-humanos,70002266068>. Acesso em: abril 2019.

CARVALHO, Olavo de. “Doença existencial e fracasso econômico-social”. *Sapientiam non vincit malitia*, 2005. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/textos/2005doencaexistencial.html>. Acesso em: abril 2019.

CARVALHO, Olavo de. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. São Paulo: Record, 2013.

CORÇÃO, Gustavo. “Liberdades”, in *O Globo*, 10/02/1977.

COURTOIS, Stéphane et alii. *Le Livre noir du communisme*. Paris: Robert Laffont, 1997.

COUTINHO, João Pereira et alii. *Por que virei à direita*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

DE CARVALHO, Castelar. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*. Rio de Janeiro: Lexicon/FAPERJ, 2010.

DELA BANDERA, Mauro et alii. "Rousseau fora da lei". In *Ciência e vida. Filosofia*. Rio, de Janeiro: Escala, 2019, ano X, n. 148.

DIE HEILIGE SCHRIFT. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1981.

DURANT, Will & Ariel. *História da civilização: a era de Napoleão*. Tradução de Antonio Carlos Gonçalves Penna, Rio de Janeiro, Record, 1975, t. XI.

_____. *A história da civilização: Rousseau e a Revolução*. Tradução de Gabriela de Mendonça Taylor, Rio de Janeiro: Record, 1967, t. X.

FIEDER, Katja et alii. *Brockhaus, die Bibliothek: Kunst und Kultur*. Leipzig: Brockhaus, 1997.

FRAILE, Guillermo. *Historia de la filosofía. Del Humanismo a la Ilustración (siglos XV-XVIII)*. Madri: BAC, 1966.

GANZAROLLI DE OLIVEIRA, João Vicente. "Communism and Disability: an Improbable Partnership". *Global Journal Of Engineering Science And Researches*, abril de 2017. v. IV, n. 4. Disponível em: <http://gjesr.com/April-2017.html>. Acesso em: abril 2019.

_____. *Do essencial invisível. Arte e beleza entre os cegos*. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2008.

_____. *Ensaio sobre a música polifônica: vozes que iluminam o Ocidente* (com prefácio de Dom Félix Ferrà). Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2018.

HELLPACH, Willy. *Geopsiquê*. Tradução de Miguel Zauppa, São Paulo: Paulinas, 1967.

JUDT, Tony. *Geschichte Europas von 1945 bis Gegenwart*. Tradução de Matthias Fienbork e Hainer Kober. Frankfurt am Main: Fischer, 2009.

KAPLAN, Robert. *Balkan Ghosts*. Nova York: Picador, 2005.

LELOTTE, Fernand, ANCELET-HUSTACHE, Jeanne. *Convertidos do século XX*. Tradução de Hoche Luiz Pulchério. Rio de Janeiro: AGIR, 1966.

MARITAIN, Jacques e Raïssa. *Oeuvres completes*. Paris/Fribourg: Saint-Paul/Éd. Universitaires, 1982-1999.

MARITAIN, Jacques. *Tres Reformadores: Lutero, Descartes, Rousseau*. Tradução de Ángel Álvarez de Miranda. Madri: Encuentro, 2006.

PADRE ANTÔNIO VIEIRA. Sermão da Sexagésima. *Obras escolhidas*. Lisboa: Sá da Costa, 1954, vol. XI.

PLAZAOLA, Juan. *Introducción a la estética. Historia, teoría y textos*. Madri: B.A.C., 1970.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Guia politicamente incorreto da filosofia. Ensaio de ironia*. São Paulo: Leya, 2012.

RODRIGUES, José Paz. “Comênio, o pai da didática moderna”. *PGL.gal*, 21 de setembro de 2016. Disponível em: <https://pgl.gal/comenio-pai-da-didatica-moderna-documentario-da-serie-grandes-educadores/>. Acesso em: abril de 2019.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio*. Tradução de Sérgio Milliet, 3ª ed., São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

_____. *Julie ou La Nouvelle Héloïse*. Paris: Garnier-Flammarion, 1960.

_____. *Lettres écrites de la Montagne*. 7 de outubro de 2012. Disponível em: <https://www.rousseauonline.ch/pdf/rousseauonline-0028.pdf>. Acesso em: abril 2009.

SCHLESINGER, Hugo & PORTO, Humberto. *Dicionário enciclopédico de religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Dom Emilio. *Filosofias da hora e filosofia perene*. São Paulo: GRD, 1990.

SPENGLER, Oswald. *Der Untergang des Abendlandes*. Munique: C. H. Beck'sche, 1931.

URDÁNOZ, Teófilo. *Historia de la filosofía. Siglo XX: de Bergson al final del existencialismo*. Madri: BAC, 1978.

VOGEL, Gerd-Helge. *Christian Leberecht Vogel. Ein sächlicher Meister der Empfindsamkeit*. Zwickau: Kunstsammlungen der Städtlichen Museen Zwickau et alii, 2009.

VON HILDEBRAND, Dietrich. *Cavalo de Troia na Cidade de Deus*. Rio de Janeiro: Agir, 1971.

WINKLER, Eiker & SCHWEIKHARDT, Josef. *Expedition Mensch. Streifzüge durch die Anthropologie*. Viena/Heidelberg: Ueberreuter, 1982.

Artigo recebido em 05/09/19 e aprovado para publicação em 20/09/2019

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v18i36-2019-3>

Como citar:

GANZAROLLI DE OLIVEIRA, João Vicente. Jacques Maritain e seu apostolado da *melhor parte*. Variações sobre uma crítica de Maritain a Rousseau. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 36, p. 297-310, jul./dez. 2019. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br.